



Hernâni Bettencourt*

Ausências que me entristecem

Muita tinta tem corrido desde a recente apresentação pública do livro “Identidade e Família”.

Paulo Otero, na qualidade de coautor do livro, entre debates e entrevistas, tem passado horas nos estúdios das diversas televisões. Paulo Otero, não obstante a sólida e reconhecida carreira académica, era pouco mais do que um desconhecido para a esmagadora maioria dos portugueses.

A mim, que fui seu aluno há mais de 20 anos, primeiro na cadeira de Introdução ao Estudo de Direito e posteriormente de Direito Administrativo, não me apanhou de surpresa. O seu posicionamento ideológico era conhecido há muito e sempre de uma enorme coerência.

À boleia do livro, que ganhou ainda maior notoriedade com a presença e respetiva intervenção na sua apresentação do ex. Primeiro-Ministro Pedro Passos Coelho, tal posicionamento saltou para a ribalta. E é aqui que julgo importante que tenhamos todos presente um valor supremo de qualquer Estado de Direito Democrático: a liberdade de expressão.

Em Democracia, não há temas tabus. Em Democracia, pode-se discutir tudo. Em Democracia, há espaço para todas as posições e ideologias. O que eu posso apelidar de ultraconservadorismo não tem de ser adjetivado sem respeito pelo seu autor e muito menos censurado.

O Professor Paulo Otero tem todo o direito à sua posição e a expressa-la publicamente de forma livre. O Professor Paulo Otero, tal com os demais autores do livro, vieram deixar o seu conceito de família tradicional;

do papel da mulher e também quanto à identidade de género. Conceitos que incendiaram as redes sociais e, conseqüentemente, o próprio debate público.

Esse foi, talvez, o maior mérito do livro. O chamado sobressalto cívico é sempre algo de salutar. É sinal de vida. A sociedade, muitas vezes aparentemente resignada, reage quando entende ser necessário. E reagiu.

Cada um de nós, individualmente, tem a sua opinião sobre os conceitos e temas trazidos para debate. A minha família, que até deve integrar-se na definição de tradicional defendida pelo Professor Paulo Otero, é um dos tipos de família. Há mais. Pelo menos para mim. E todas essas famílias, independentemente da respetiva composição, são merecedoras de idêntico respeito e, obviamente, de iguais direitos e deveres.

Divirjo, por isso, do aparente conceito único, ou melhor, do conceito correto de família. Mas também divirjo, totalmente, dos rótulos colocados a quem pensa como o Professor Paulo Otero.

Não aceito superioridades ou lições morais de ninguém. E também não aceito julgamos de carácter. Nem de uns, nem de outros. De ninguém! O que gostava mesmo era que todos defendessem a liberdade de expressão. Sempre!

*Jurista



António Símas Santos

Medicina Ciência e Arte de Curar

A medicina e a arte de curar são campos profundamente entrelaçados que se estendem para além dos limites de suas definições tradicionais. É uma relação com múltiplas facetas que demonstra como a arte contribui para a prática médica e o processo de cura, considerando a medicina sob uma perspectiva artística.

A medicina é, correntemente, vista como uma ciência, com o foco em diagnósticos, tratamentos e na busca da cura baseada em evidências. Sendo, cada vez mais, dependente da integração de dados, equipamentos e inteligência artificial. Os avanços tecnológicos têm transformado, radicalmente, o panorama médico, possibilitando uma precisão de diagnóstico e tratamento, sem precedentes.

Contudo, a prática médica também é uma forma de arte dado que requer empatia, intuição e criatividade. A capacidade de interagir com o paciente, entender suas necessidades e medos e comunicar-se de maneira eficaz é tão importante como o conhecimento científico. A arte de curar implica escutar atentamente, interpretar os sinais do corpo e da mente e responder, de forma personalizada, o que exige uma abordagem holística.

A arte deve desempenhar um papel crucial na medicina. Programas que incorporam artes visuais, música e literatura, em ambientes de saúde, têm mostrado melhorar o bem-estar dos pacientes, reduzindo a ansiedade, a dor e os períodos de internamento. Programas que oferecem, também, aos profissionais de saúde uma forma de se alinharem com a humanidade da sua prática, ajudando-os a lidar com o stresse e a prevenir a exaustão profissional.

Além disso, a arte tem sido utilizada como ferramenta de diagnóstico e tratamento. Sendo, um bom exemplo, a arteterapia que é uma abordagem que utiliza o processo criativo para ajudar as pessoas a expressarem sentimentos não verbais, enfrentar medos e ansiedade e promover a cura psicológica. A representação de cenas médicas na arte fornece

uma janela para a compreensão histórica das práticas médicas, das doenças e da sociedade em diferentes períodos.

Integrar arte e medicina apresenta desafios, incluindo a necessidade de mais pesquisas, que quantifiquem os benefícios dessa integração e a superação de barreiras institucionais e financeiras. Sendo necessária a adoção de abordagens mais holísticas que possam melhorar a qualidade do atendimento do doente, promover ambientes de trabalho mais satisfatórios para os profissionais de saúde e estimular inovações no tratamento e na prevenção de doenças.

Profissionais de saúde, nomeadamente os médicos, não devem permitir que os computadores e a inteligência artificial monopolizem a sua interação e os cuidados a ter com os pacientes. Antes devem ser, simultaneamente, cientistas e artistas, aplicando a ciência com as competências da arte de cuidar. Essa devida ser a sua missão num mundo repleto de individualismo feroz, de notícias falsas e de medos colectivos.

A relação entre medicina e arte é rica e complexa, oferecendo profundos contributos para o conhecimento da natureza humana, da experiência da doença e do processo de cura. Reconhecer e cultivar essa relação pode enriquecer tanto a prática médica como a experiência do paciente, apontando para um futuro em que saúde e o bem-estar sejam abordados de maneira mais integrada e compassiva/altruísta.

Realidade especialmente premente nos cuidados primários de saúde.

A título de conclusão, sugere-se a inclusão nos currículos das escolas de medicina e enfermagem, de disciplinas de humanidades que possam desempenhar um papel crucial na formação desses profissionais que lidam, no seu dia-a-dia, com o nosso mais importante activo: a saúde. Dando-lhes ferramentas de criatividade, empatia e compaixão que serão, pelo menos, tão importantes como os manuais de anatomia e patologia ou o estado de arte das tecnologias digitais.